

2

A conexão afetiva no desenvolvimento típico

Na presente pesquisa serão adotados autores com uma perspectiva desenvolvimentista, ou seja, uma perspectiva em que, por meio do estudo do desenvolvimento típico, procura-se perceber o que não ocorreu no desenvolvimento da criança portadora do autismo. Tal abordagem considera aspectos biológicos sem ter uma visão determinista. Desse modo, o ambiente externo e suas interações sociais são considerados na construção do desenvolvimento emocional.

Este capítulo visa apresentar dados a respeito da conexão afetiva e sua repercussão no desenvolvimento emocional e social do bebê. De acordo com autores como Thompson (2001), Trevarthen (2000), Hobson (2002), Stern (1992 e 2005) e outros, a conexão afetiva é a base para o desenvolvimento psicológico da criança.

O bebê chega ao mundo em um grande desamparo físico e psíquico. É com os cuidados maternos e inicialmente da regulação fisiológica de fome, frio e troca de fraldas que as primeiras relações entre mãe e bebê são traçadas. É a partir desses cuidados iniciais que são estabelecidas as trocas recíprocas entre o bebê e seu cuidador.¹ Com o passar do tempo, o bebê passa a ser cada vez mais responsivo, sorrindo, emitindo sons e olhando fixamente para o cuidador. É por meio dessa interação que o bebê passa a aprender sobre o que ocorre à sua volta e a interagir com o mundo que o cerca.

Para alguns teóricos, as trocas afetivas iniciais são fundamentais para o desenvolvimento posterior do bebê (Hobson, 2004; Stern, 1992). A base para um bom desenvolvimento social está nas primeiras relações e nas trocas afetivas que são estabelecidas entre o bebê e seu cuidador. Se há alguma falha inicial nessas trocas, é possível que a criança tenha dificuldades mais tarde na aquisição da linguagem e no engajamento social, que são os principais prejuízos da síndrome

¹ Utilizamos a palavra cuidador para se referir à pessoa que cuida do bebê, porque nem sempre é a mãe. Em alguns momentos do texto estará escrito a palavra mãe, mas a ideia é que as relações afetivas possam ser estabelecidas por alguém que cuida dessa criança.

autística. Para compreendermos posteriormente o que ocorre no autismo, é importante termos um vasto entendimento do desenvolvimento típico de uma criança, assim será mais fácil compreender os déficits afetivos e sociais do autismo.

2.1

A importância do desenvolvimento afetivo

O primeiro contato da mãe com o bebê ocorre por meio dos cuidados físicos, alimentação e troca de fraldas. Assim, a mãe oferece suporte para o desenvolvimento do bebê por meio de seu contato físico, como o colo, o colocar para ninar, acalmar o bebê quando este se encontra chorando etc. Todas essas ações são acompanhadas de gestos dos pais, caretas, sorrisos, conversa e canto de músicas para tranquilizar o bebê. Desde o início a relação com o bebê é permeada por interações sociais e afetivas por parte de seus cuidadores, mesmo que o intuito inicial seja a regulação fisiológica do bebê e não o afeto em si. A resposta do bebê para os pais também é social, pelo sorriso, o choro, choramingo e a fixação do olhar. Com o tempo, os pais passam a atribuir sentido e significado para as ações do bebê. “você está chorando porque está com fome”, ou “jogou a mamadeira, porque está fazendo birra” e assim vai... Dar significado para as ações do bebê estimula o desenvolvimento humano/pessoal do bebê. Stern (1992) pontua a ambiguidade dos pais ao olhar para o bebê. Por um lado, este é visto como um sistema fisiológico que necessita ser regulado. E por outro, como uma pessoa com experiências subjetivas, sensibilidade social e um senso de eu que está em desenvolvimento.

Outra forma, de pensar a respeito do desenvolvimento afetivo, pode ser pelo desenvolvimento emocional. Para Beebe (2007), as emoções são padrões relativamente estáveis, continuamente construídos por meio de um processo complexo e dinâmico de interação entre as pessoas. Essa relação emerge do contexto social e físico. Os componentes físicos estão ligados a cargas neuronais e ações tais como, sorrisos, lágrimas e outras reações. Sendo assim, as interações são flexíveis, abertas a transformações que podem alterar o padrão de ação. Ou seja, através da relação mãe e bebê são desenvolvidas as trocas interacionais baseadas na regulação física e fisiológica. O ambiente social pode interferir nas

condições físicas e estas também podem ser alteradas pelo ambiente social. O bebê pode chorar por medo, ou desconforto, mas com o aconchego da mãe esse desconforto pode ser apaziguado. Ou, ao contrário, um barulho no ambiente pode levar o bebê a ter a sensação de susto ou desconforto.

De acordo com Thompson (2001), as emoções são características biológicas básicas do ser humano. O autor menciona o aspecto psicobiológico das emoções. Ou seja, estruturas interligadas cerebrais e hormonais organizam a interação de ativação e regulação que constituem as reações emocionais. É relevante acrescentar a importância dos pais na regulação emocional do bebê. Thompson pontua que na infância os cuidadores são peças fundamentais no desenvolvimento da criança e o contexto social é fator preponderante para o desenvolvimento emocional.

Stern (1995) também ressalta a importância da relação entre pais e filhos, essa interação é central para a compreensão de futuras questões clínicas. A representação que os pais fazem do bebê desempenha um importante papel no tipo de pais que eles se tornarão e na relação que será constituída com esse bebê.

O autor argumenta que existem dois bebês, o real, que está nos braços da mãe, e o imaginário, que é aquele bebê que a mãe tem em sua mente, com os aspectos subjetivos, de como ela imagina essa criança, suas expectativas e de toda a representação mental que é feita. Sendo assim, a relação com o bebê é permeada, por medos, fantasias e desejos. Os pais sempre projetam esses sentimentos na relação com a criança. A interação é a ponte entre os pais e a representação de como esse bebê é visto e percebido pelos pais. As relações são permeadas por diversos fatores, econômicos, culturais e sociais. Essa representação pode variar de acordo com a cultura.² Os pais carregam tudo isso na interação com o bebê e o bebê vai carregar o que ocorre nos primeiros meses de vida e no seu primeiro ano. Esse movimento é simétrico, entre pais e bebê, a interação proporciona esse intercâmbio de trocas de experiências.

Hobson (2004) também traz importantes contribuições a respeito do afeto no desenvolvimento típico. Porém analisar o conceito de afeto pela ótica desse autor é uma tarefa complexa, pois ao longo de seus trabalhos ele utiliza diversos termos para se referir à capacidade humana de compartilhar experiências afetivas

² Na pesquisa a visão de bebê adotada será baseada na cultura ocidental. Em culturas tribais africanas e indígenas são detectadas diferenças na relação mãe-bebê.

com outra pessoa. Podem ser citados como exemplos de afeto tais termos como: engajamento social (Hobson, 2004), responsividade emocional (1990, 1993b, 2002), engajamento interpessoal (Hobson, 1998) e conexão afetiva (1993a, 2005^a, 2005b, 2005c, 2007). Porém, não fica claro se há alguma diferença conceitual entre os diferentes termos, pois o próprio autor não os distingue. A fim de facilitar o entendimento teórico, será considerado qualquer um desses termos, como a capacidade de trocas afetivas, que pode ser compreendida também como uma forma de identificação.

Hobson (2004) afirma que o ser humano vem com uma capacidade inata de expressar sentimentos para os outros. Para o autor essa reação é mais básica que o pensamento. Outro termo que o autor utiliza para falar dessa capacidade que o bebê tem de se conectar afetivamente é dizer que ele já vem “equipado”. É importante esclarecer que essa capacidade inata, ou ele vir “equipado” não diz respeito a uma entidade cognitiva, mas sim a uma capacidade do bebê humano de ter uma compatibilidade física, herdada desde o nascimento, que pode ser observada quando o bebê gira o rosto, ao sentir o cheiro do leite da mãe, ou na preferência por estímulos em rostos humanos e até na adaptação de sugar o leite materno (Schaffer, 1977). Essa capacidade possibilita que o bebê possa desenvolver suas habilidades de interação social com os seus cuidadores.

Ainda a respeito de como o ser humano desenvolve suas capacidades interativas, Hobson (2005b) e Hobson, Chidambi, Lee e Meyer (2006) pontuam que percebemos as atitudes afetivas das pessoas por suas expressões corporais e não de suas mentes. O que equivale a dizer que o processo de identificação não envolve nenhum processo racional e nem cognitivo. Para Hobson, Chidambi, Lee e Meyer (2006), é pela conexão afetiva que o bebê reconhece a sua mãe como um parceiro de interação e percebe que pode se envolver e ser envolvido em trocas sociais recíprocas. Não há, portanto, um mecanismo cognitivo no cérebro das crianças que as faça reconhecer comportamentos que propiciem as interações sociais com a sua mãe. Pelo contrário, é apenas pelo afeto que essas interações se constituem para, inclusive, possibilitar o desenvolvimento cognitivo posterior dessas crianças.

Tendo em vista essa perspectiva que o afeto é a base para o desenvolvimento posterior do bebê, é possível supor que se essa base afetiva tiver falhas, o restante do desenvolvimento será comprometido.

Stern (2002) estudou as primeiras relações entre mãe e bebê. Para o autor existem três pontos importantes no que tange às pesquisas de observação com bebês: primeiro é necessário ver a mãe e a criança em um contexto natural, pois o bebê é um ser social e é nesse ambiente que suas interações podem ser vistas. Da mesma forma, os comportamentos maternos reais só podem ser vistos na presença de um bebê real (e, idealmente, amado), que iria provocar esses comportamentos. Situações experimentais só capturam uma fatia muito pequena da vida e o contexto é restrito à situação.

O segundo ponto é que para o autor são precisos novos métodos para essas observações, métodos que reduzem e se ajustem à fração de segundo e possam captar os sinais não verbais do mundo da interação mãe-bebê.

O terceiro e último ponto diz respeito a ter um conceito orientador para uma visualização significativa da interação mãe-bebê, tanto do ponto de vista clínico e de senso comum. “Regulação mútua” foi o conceito norteador. Ele capturou a noção de que os comportamentos tanto da mãe como do bebê podem em grande parte ser explicados como tentativas mútuas de regulação de estados do bebê que podem ser de fome, excitação, alegria, emoção, e assim por diante, dependendo da hora do dia e do contexto.

Para Stern (2002) o mundo representacional interno tem uma base sólida na realidade da experiência vivida. Tal constatação do autor se deu por meio de observações de diversos tipos de interações entre mãe e bebê. Entre essas observações, foram vistos jogos com mães e crianças de até 6 meses. Nessas situações, cada díade demonstrava um tipo de reação. As brincadeiras eram realizadas e em algumas duplas a criança ficava muito excitada, em outras a brincadeira terminava antes da risada do bebê ter atingido seu ápice, enfim, foram vistas diversas situações, que demonstraram reações diferenciadas de cada dupla. Seguindo essa vertente, podemos supor que é a partir das experiências vivenciadas que são internalizados sentimentos e impressões. O mundo interno é constituído pela relação com o outro. Essa relação é permeada pelo meio social, pois desde o nascimento o bebê está imerso nesse contexto. E a via afetiva, qual é a sua função na constituição das relações? O afeto é o grande facilitador para que as relações sociais ocorram.

2.2 Afeto

Stern (1992) criou dois conceitos novos para tratar da questão do afeto. O primeiro é denominado de afeto de vitalidade e o segundo de sintonia afetiva. A qualidade do sentimento é chamada de vitalidade.

A vitalidade captura termos tais como: explodindo, surgindo, desvanecendo, subindo etc. Afetos de vitalidade não são a mesma coisa que afeto categórico. Pesquisas revelaram muitos afetos de vitalidade, mas nenhum afeto categórico. Em muitos afetos de vitalidade podemos englobar uma dimensão de excitação e ativação. Essa experiência dinâmica de tempo e ativação é denominada de contornos de ativação.

Os afetos de vitalidade se distinguem dos afetos categóricos regulares darwinianos que são conhecidos como raiva, alegria, tristeza etc. No meio social, tais afetos podem ser vistos, compreendidos e experienciados por meio de feições que emitem esses sentimentos. Já os afetos de vitalidade não chegam a emitir nenhum tipo de categoria, mas permitem que o bebê sinta tais sentimentos antes mesmo que ele possa compreendê-los intelectualmente.

O autor utiliza dois exemplos para explicar o conceito de afetos de vitalidade. Primeiro, compara tais afetos com marionetes, que não têm nenhuma expressão, mas, dependendo da forma com que são conduzidas, podem expressar algum sentimento, tais como tristeza ou alegria. O segundo exemplo é com a música e a dança. Podemos, com elas, sentir diversas variações de sentimentos. Assim é com o bebê que observa um ato de seus pais e este, inicialmente, pode não conter nenhum afeto categórico, mas a maneira como o comportamento é realizado pode expressar um afeto de vitalidade.

Inicialmente o bebê não percebe o mundo da mesma forma que os adultos por meio de atos formais, isso é uma mamadeira, aquilo um trocar de fraldas etc. É provável que assim como nós com a música, que percebemos sentimento e emoção pela sua melodia, o bebê perceba os atos como afetos de vitalidade, a partir de suas expressões. Sendo assim, esses afetos constituem a organização desse bebê, por meio de contornos de ativação. Tais contornos são “sobrecargas” de sentimentos, pensamentos ou ação. Por exemplo: o bebê está chorando, sua mãe, com o intuito de acalmá-lo, o acaricia, dizendo palavras tranquilizadoras, por

meio do toque e da voz, em outro momento, o toque é maior, sem as palavras. Se essa sequência de toques ocorrer mais ou menos com a mesma duração das palavras, o contorno de ativação que o bebê vai perceber será o mesmo, apesar das técnicas de tranquilizar serem distintas. Nesse momento, Stern chama a atenção para o desenvolvimento da experiência de um outro emergente. É por causa desses rituais que o bebê vai percebendo que existe alguém além dele.

O desenvolvimento da sintonia afetiva é importante para que o bebê seja capaz de utilizar as formas de percepção social. Durante os primeiros 6 meses de vida ocorrem diversas modificações na relação entre a mãe e o bebê. Isso significa que, com o passar do tempo, o bebê vai se tornando cada vez mais responsivo às interações dos adultos. Nos primeiros 6 meses o bebê tem menos capacidade de perceber que está sendo sintonizado ou imitado, e menor capacidade cognitiva para inferir sobre tais eventos. O comportamento materno tem um efeito direto sobre o estado mental do bebê e seu comportamento. Por volta dos 9 meses, entretanto, o bebê atravessa a entrada para o interpessoal e faz da sintonia uma experiência diferente. Nessa fase o bebê consegue reconhecer que ele pode interferir nas ações do outro. O bebê passa a interagir mais com o adulto e os objetos passam a fazer parte dessa relação. A função das sintonias é estar em comunhão interpessoal. A sintonia afetiva é uma forma especial de percepção social. Esta ocorre, mais ou menos, por volta dos 9 meses. Um exemplo de sintonia afetiva seria a criança fazer uma vocalização e a mãe responder na mesma entonação e ritmo com um gesto de cabeça, ou uma palma. Ou a criança pegar um brinquedo e a mãe responder de forma positiva com um sorriso, ou uma palavra de incentivo: “Ah você pegou o carrinho”, ou: “você quer brincar”... Tais comportamentos reforçam a atitude da criança.

Na sintonia afetiva não ocorre uma imitação gestual, mas sim uma forma de correspondência, que pode ser intermodal, ter correspondência com o estado interno e ocorrer sem envolvimento dos processos cognitivos. Ou seja, a sintonia afetiva é uma performance de comportamentos que expressam a qualidade de sentimentos compartilhados, mas sem a imitação exata do comportamento expresso no estado interior. A diferença entre imitação e sintonia é que a primeira responde à forma e a segunda ao sentimento. Na imitação, não é percebido o estado interior. A sintonia afetiva tem três dimensões: intensidade, tempo e forma.

Com intensidade, compreende-se que o nível de intensidade da mãe é o mesmo do bebê, independente da forma e do comportamento. Por exemplo, o bebê faz um gesto e pela vocalização a mãe iguala a qualidade desse movimento. O tempo é a duração da sintonia, que pode também ser o ritmo, no sentido da mãe e do bebê fazerem movimentos com a mesma batida, embora, tais movimentos sejam distintos. Por exemplo, o bebê bate em um tambor e a mãe acompanha o ritmo das batidas com gestos usando a cabeça ou batendo palmas. Por último, a forma é como ocorre a sintonia. Esta pode ser: verbal ou gestual. A mãe para se comunicar com o bebê pode usar vocalizações ou gestos, que podem ser desde expressões faciais como sorrisos, caretas até gestos com as mãos ou cabeça.

Stern e Dore (1985) em uma pesquisa com mães e bebês sobre sintonia afetiva constataram que o comportamento responsivo que a mãe utiliza geralmente é composto por diversos fatores. A característica mais comum que elas utilizam para se conectar ao bebê é a vocalização (oito entre dez mulheres usam a vocalização). As expressões faciais são a segunda forma mais comum em termos de comportamentos da mãe para estabelecer a sintonia afetiva com o bebê.

2.3

Intersubjetividade primária e comunicação afetiva

Desde o nascimento o bebê é regulado fisiologicamente pela sua mãe por meio dos cuidados físicos. O bebê é alimentado, tranquilizado e regulado nas sensações térmicas de frio, calor e higienizado com o banho e a troca de fraldas. Todos esses comportamentos seguem um processo de repetição e ritualização. O bebê aos poucos vai percebendo que quando a mãe o pega de determinada forma é para acalmar, para alimentar, ou para ser trocado etc. A mãe, por sua vez, começa a identificar no bebê que tal timbre no choro é fome ou dor. A partir dessa regulação fisiológica, é visto no bebê a capacidade precoce para ser responsivo ao ambiente social. Tal comportamento demarca o início de uma comunicação afetiva que é a base para o desenvolvimento da capacidade simbólica.

Inicialmente o bebê se engaja em relações diádicas com o adulto, por meio das interações face a face, com sorrisos e balbucios. Essa fase é denominada de intersubjetividade primária, onde é observada uma comunicação afetiva, por meio da troca de olhares e sons emitidos por ambos os parceiros. Foi observado que à

medida que o adulto vai interagindo com o bebê este também responde com comportamentos afetivos e sociais. Essa fase é marcada pelas protoconversações entre mãe e bebê, também denominada de manhês. A mãe, ao falar com o filho, altera o timbre da voz, fala de uma forma mais infantilizada, repete palavras, alonga as vogais, usa diminutivos e utiliza um tom musical. Tudo isso faz a conversa ficar mais atraente para o bebê. A partir do momento que a mãe começa a falar com a criança, ela já passa a considerá-la um ser falante, ainda que em potencial. Esse comportamento favorece trocas afetivas entre os parceiros. A mãe fala e o bebê responde com uma vocalização, sorriso, fixação de olhar, balbúcio, movimentos de pernas e braços etc.

De acordo com Trevarthen e Hubley (1978), a intersubjetividade primária se inicia por volta dos 2 a 3 meses. Os autores conceituam níveis progressivos de intersubjetividade. Os três aspectos fundamentais das motivações e emoções são: eu, o outro e o objeto. Porém, o objeto é uma aquisição da fase posterior. A intersubjetividade primária refere-se às trocas afetivas entre mãe e bebê.

Lampreia (2008) ressalta que na intersubjetividade primária já é possível verificar algumas habilidades no bebê, tais como: antecipação, reciprocidade, contingência e alternância de turno. Nas protoconversações entre mãe e bebê são observadas similaridades entre tempo, forma e intensidade na ação conjunta da díade (Trevarthen, 2001). Isso significa que mãe e bebê são regulados mutuamente. O bebê é sensível às expressões de sentimentos de sua dupla e responde de forma contingente a essas expressões. Ou seja, existe uma relação temporal entre mãe e bebê próxima e dependente, na qual a ação de um vai interferir na resposta do outro. Esse comportamento é chamado de ação contingente, quando a ação de um dos parceiros vai interferir na reação do outro. Essa capacidade surgirá na fase seguinte, porém para o bom desenvolvimento posterior é necessário que as primeiras relações diádicas sejam bem completas.

Diversas pesquisas comprovam que os bebês preferem olhar para rostos humanos em vez de objetos e a preferência também se dá pela voz humana em vez de outros sons (Stern, 1992). Ou seja, o bebê já vem predisposto ao contato afetivo e de ser responsivo à emoção do outro e de expressar as suas emoções. Pesquisas sobre imitações de bebês recém-nascidos evidenciam que eles conseguem imitar caretas, sorrisos e até feições de surpresa. Para Trevarthen (1998), tal fato ocorre por que o cérebro humano é capacitado com funções

emocionais e comunicativas desde o nascimento. A capacidade de se comunicar é inata no cérebro humano.

Stern (1995) afirma que a intersubjetividade é uma capacidade humana inata emergindo de uma atenção especial altamente desenvolvida de um ser humano para o outro. No entanto, o autor não considera que pode ocorrer intersubjetividade antes dos 9-12 meses. Esse é o ponto de desacordo entre Trevarthen e Stern (Beebe, Rustin e Knoblauch, 2003). Para Hobson (2004), primeiro, vem o interpessoal e depois o intrapessoal. Inicialmente, o bebê observa e imita o comportamento da mãe, só depois ele desenvolve as suas próprias ações. Esse é o ponto de transição da comunicação afetiva que se inicia na intersubjetividade primária para a comunicação intencional que tem seu desenvolvimento na intersubjetividade secundária. Ou seja, é por meio das relações interpessoais que a criança desenvolve a sua capacidade de pensar e reagir com o mundo que a cerca. Porém, a base para esse desdobramento, teve início nas primeiras relações afetivas entre mãe e bebê. Para que ocorra o desenvolvimento simbólico é necessário que haja toda uma construção por parte do bebê, cada etapa é fundamental para o seu desenvolvimento.

2.4

Intersubjetividade secundária e comunicação afetiva

A intersubjetividade secundária é uma relação triádica, pois é acrescido o objeto na relação mãe e bebê. Isso ocorre mais ou menos por volta dos 9 meses. Nessa fase se inicia uma complexa troca de conhecimento entre o bebê e seus cuidadores. É nesse contexto que se processa a atenção compartilhada. O compartilhar a atenção é definido como uma habilidade declarativa de comportamentos não verbais infantis. Por exemplo, a criança olha para o adulto, aponta para o objeto e depois retorna o olhar para o adulto. Tal habilidade é revestida por vocalizações, gestos e contato ocular para compartilhar seu interesse por um objeto e/ou eventos com um adulto. Outra característica marcante dessa fase é que se inicia o funcionamento simbólico. O bebê passa a compartilhar objetos e ideias com os pais. Este é um passo que antecede a fala. Lampreia (2008) ressalta que para que esse processo ocorra é necessário que o bebê tenha desenvolvido a intersubjetividade primária por meio das relações diádicas. O

desenvolvimento infantil na visão desenvolvimentista ocorre com uma construção e para que o desenvolvimento simbólico aconteça é necessário que o bebê passe por articulações sociais e interacionais, não sendo fruto somente da maturação biológica. Dessa forma, a intersubjetividade secundária surge como um processo cujo seu maior impacto é o advento do compartilhar interesses com o adulto.

Antes dessa idade, o bebê não tinha a intencionalidade de compartilhar interesses com as pessoas. Essa é uma nova habilidade adquirida pela criança. Tomasello (2003) afirma que a atenção compartilhada é um comportamento intencional. Anteriormente, o bebê não compreendia que seus atos poderiam se transformar em ações. A atenção compartilhada é a grande revolução no comportamento do bebê. Ou seja, a criança começa a direcionar sua atenção para determinada situação ou objeto e exerce diversos comportamentos interativos para alcançar seus objetivos.

Aos poucos, o bebê vai percebendo que suas ações podem ser usadas para determinados fins, Shaffer (1977) chama isso de intencionalidade. É quando o bebê passa a utilizar comportamentos interativos para chamar a atenção do outro e conseguir os resultados almejados. Para Bates (1979) o bebê inicialmente passa por uma fase de uso de sinais naturais/ações e pela ritualização ele consegue passar para os gestos e sinais convencionais. Porém, até esse ponto tais gestos não são considerados símbolos, pois ainda não há o destaque do objeto referido nem a nomeação.

Existem dois tipos de apontar: o apontar declarativo que é quando o bebê aponta para um animal ou para um carro que está passando. Nesse caso, o intuito é mostrar para compartilhar um interesse. O segundo tipo de apontar é o imperativo que ocorre quando o bebê quer pedir algo, como, por exemplo, um biscoito que está no pote em cima de uma prateleira. Em ambos os casos a criança está dirigindo o comportamento do outro. O gesto de apontar vai sendo substituído pelo símbolo que é o uso da palavra, aos poucos os gestos vão sendo extintos, para o bebê começar a falar. Esse é o ponto em que o bebê atinge a sua capacidade simbólica, quando ele passa a utilizar as palavras para se referir a algum objeto. Carpenter, Nagell e Tomasello (1998) citam em ordem cronológica como aparecem no desenvolvimento infantil, o complexo de habilidades e comportamentos da atenção compartilhada. Esse processo pode ser dividido em três partes.

Engajamento compartilhado – surge por volta dos 9 meses. Ocorre quando o bebê divide sua atenção com o adulto por um objeto de interesse recíproco.

Seguir a atenção e o comportamento – aparece por volta dos 12,5 meses. Nessa fase, a criança direciona a sua atenção e o seu comportamento para algum objeto de interesse do adulto. Durante esse processo, a criança segue o apontar deste, olhando para o local que o dedo aponta. Imita as suas ações instrumentais e comportamentos, chegando a reproduzir os meios que ele utiliza para alcançar determinada finalidade. As ações arbitrárias e os movimentos corporais também são imitados pelos bebês, onde seguem o olhar do adulto no mesmo objeto de interesse.

Para encerrar, temos o último modo que é denominado de: dirigir a atenção e comportamento. A idade é por volta dos 12,7 meses. Essa etapa é dividida nos gestos declarativos e imperativos mencionados anteriormente.

A fala e o jogo simbólico são adventos da atenção compartilhada. Para Hobson e Meyer (2005), a atenção compartilhada favorece o envolvimento das crianças com as ações dos outros e com as suas atitudes em relação ao mundo compartilhado. Assim, as crianças percebem que as pessoas reagem e agem a esse mundo de forma diferente. Esse processo de percepção da diferença vai possibilitar que a criança comece a se separar dos outros e passe a se perceber como pessoa diferenciada. Algumas pesquisas mostram que se a criança está brincando com um brinquedo e a mãe a encoraja ela continua. Se a mãe faz uma feição de desaprovação ela para (Hobson, 2004). Isso comprova o quanto o bebê aprende com os fatos que ocorrem a sua volta e como o contexto social interfere em suas atitudes. É apenas na intersubjetividade secundária que podem ser observados esses comportamentos da criança.

Podemos verificar com esses estudos que o bebê se desenvolve a partir de sua relação com o outro, ou seja, desde o nascimento relações são estabelecidas e a cada mês de vida, novas habilidades são aprendidas e aperfeiçoadas. A interação é contínua e o afeto é uma via de aprendizagem.

2.5 Teoria da Mente

A Teoria da Mente é uma construção do desenvolvimento cognitivo e emocional. Ter uma teoria da mente é possuir a capacidade de interpretar, atribuir e perceber estados mentais em si mesmo e nos outros, tais como: crenças, emoções e intenções. Existem duas concepções a respeito da Teoria da Mente, uma cognitivista e a segunda desenvolvimentista.

Para autores com a perspectiva cognitivista como Frith (1997) e Baron-Cohen (2000), a mente é composta por diversas estruturas separadas como se fossem módulos desde o nascimento. Tais estruturas estariam prontas e não seriam modificadas. A crítica em relação a essa concepção de teoria da mente se dá no sentido de que, por esse viés, a mente ou o cérebro são estruturas prontas que não se modificam. Sendo assim, a parte social de interação é desconsiderada.

Contraopondo-se à perspectiva cognitivista da teoria da mente, Hobson (2004) e Trevarthen (Trevarthen, Aitken, Papoudi e Robarts, 1998) pressupõem que a teoria da mente é constituída ao longo da relação afetiva com a mãe. Para esses autores o início de uma Teoria da Mente ocorre no momento em que começa a emergir a inteligência simbólica, no final do primeiro ano. Porém a constatação que uma criança possui a Teoria da Mente só é dada a partir dos 4 anos. É nessa faixa etária que a criança consegue projetar a perspectiva do outro.

Um teste clássico que avalia essa habilidade é o teste de Anne-Sally. Baron-Cohen, Leslie e Frith (1985) fizeram inúmeras pesquisas utilizando esse modelo. Os pesquisadores utilizam duas bonecas, Anne esconde uma bola na cesta e sai da sala. Enquanto Anne não está vendo, Sally tira a bola de Anne da cesta e a coloca na caixa. Anne então volta para a sala e vai buscar a sua bola. Onde ela vai procurar pela bola? Quem sabe elaborar uma Teoria da Mente e consegue se colocar na perspectiva do outro, vai responder na cesta. Porém, crianças que ainda não possuem uma Teoria da Mente vão responder na caixa. Isso ocorre porque a criança trabalha com a informação que tem e não considera a perspectiva do outro. Esse teste é muito utilizado para verificar marcadores de autismo. Uma das maiores dificuldades da síndrome do autismo é a habilidade de se colocar no lugar do outro e ter empatia. Tais dificuldades estão ligadas à interação social.

No meio social é fundamental que o ser humano desenvolva a capacidade de prever comportamentos, ser empático, interpretar e reconhecer expressões como ironia, metáfora, dissimulação e sofrimento. Tal recurso cognitivo favorece as relações sociais e possibilita uma maior capacidade de prever eventos e tomar decisões. Essas são algumas capacidades que a Teoria da Mente possibilita. Se uma pessoa não tiver desenvolvido essas capacidades possivelmente ela terá mais dificuldades em lidar no âmbito social.

A grande questão que se coloca é: como se adquire uma Teoria da Mente? De acordo com a perspectiva desenvolvimentista é necessário inicialmente que a capacidade de se conectar afetivamente esteja preservada para que o ser humano possa ir se desenvolvendo desde o nascimento, por meio das relações diádicas, adquirindo assim a capacidade de se diferenciar do outro. Nas relações triádicas e com o advento da atenção compartilhada irá desenvolver sua capacidade simbólica. A partir daí a criança vai desenvolvendo habilidades mais complexas, como distinguir eventos reais de hipotéticos e distinguir as falsas crenças (aquilo que não é congruente com a realidade). Ou seja, para que as capacidades sociais se desenvolvam é necessário todo um percurso no desenvolvimento que se inicia nas primeiras relações mãe e bebê.